

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

O País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial [The country has never faced so much unemployment in its urban and industrial history]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	dos Santos, Anselmo Luis
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-12 12:48:30
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162398

“O País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial”

Entrevista com Anselmo Luis dos Santos

A partir de uma visão estruturalista, desenvolvimentista, “keynesiana”, que mostra a importância do instrumento público de controle e regulação, para alcançar o desenvolvimento, o professor Anselmo Luis dos Santos faz um balanço político e econômico do Brasil. Anselmo Luis dos Santos é economista pesquisador e professor do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit), do Instituto de Economia da Unicamp. Ele concedeu a entrevista que segue para a *IHU On-Line* por telefone. O pesquisador já foi entrevistado pela *IHU On-Line* sobre **Trabalho precário e pequenos negócios**, trazendo dados da pesquisa que mostra a situação de precarização do mercado de trabalho no segmento das pequenas empresas. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* da página do IHU do dia 20/05/2006.

***IHU On-Line*- Qual o balanço que o senhor faz do governo Lula?**

Anselmo Luis dos Santos- Como ponto negativo, o que mais chama a atenção é a manutenção da política econômica do governo anterior, o pagamento de uma carga de juros muito elevada, com um superávit fiscal maior ainda do que o governo Fernando Henrique Cardoso, o que significou uma redução relativa do dinheiro, que poderia estar sendo gasto em investimentos na área social e na infra-estrutura, fazendo o País crescer mais. Tudo isso também gerou um ritmo de crescimento econômico baixo,

reduzido, que praticamente reproduziu esse padrão que conhecemos desde os anos 1990. O impacto disso sobre o mercado de trabalho e, portanto, sobre a questão social, foi negativo. O desemprego caiu um pouco, mas considerando o cenário internacional que a economia mundial vive, em que a maioria dos países em desenvolvimento tem crescido a taxas muito elevadas, perdemos um período favorável para crescer mais, para reduzir sensivelmente o desemprego.

A renda dos trabalhadores

Enquanto isso, a renda do trabalhador continuou caindo. Nas metrópoles, os dados mais recentes mostram que caiu a renda em geral de todos os extratos dos trabalhadores das metrópoles, inclusive a renda dos 10% mais pobres. Então, temos o aumento da renda de algumas pessoas que recebem recursos do programa Bolsa Família, que é importante, mas continuou piorando a renda de outros trabalhadores de baixa renda. Por exemplo, a renda média dos 10% de trabalhadores mais pobres na região metropolitana de São Paulo, era R\$ 250,00 em 2002 e agora caiu de janeiro a junho de 2006 para R\$ 226,00. Temos também pessoas entre os menos favorecidos aqueles que estão pior inseridos no mercado de trabalho que perderam renda no governo Lula, vinham perdendo no governo Fernando Henrique e continuaram perdendo.

“Estamos perdendo emprego”

No conjunto o saldo do governo é negativo. Ele perdeu a oportunidade de mudar o País, de fazê-lo crescer, de encaminhar o País para uma direção correta. Ter a inflação baixa e ter pago, diminuído o endividamento, tudo isso foi conseguido com esse custo. Mas qual foi o custo disso? Foi essa política que manteve o desemprego alto. Por exemplo, a taxa de desemprego hoje entre as pessoas com 11 anos ou mais de estudo é maior do que quando o governo Lula assumiu. O número absoluto de mulheres desempregadas, de jovens desempregados, de pessoas com 50 anos ou mais desempregadas é maior hoje do que era quando o governo Lula assumiu. Ou seja, não houve nenhuma melhora sensível no mercado de trabalho. As pessoas que vêm recentemente sendo contratadas, são pessoas de baixo grau de instrução,

de baixo rendimento. E agora nós vimos que deu uma melhoria no mercado de trabalho em 2004, quando a economia cresceu 5%. Em 2003 o mercado de trabalho piorou muito porque praticamente o PIB não cresceu nada. No ano passado também o PIB cresceu muito pouco e esse ano também ainda os dados tem mostrado até agora que o comportamento do nível de atividade está baixo, a indústria está perdendo emprego, o câmbio sobrevalorizado, significa que estamos perdendo emprego, importando mais, complicando a situação dos exportadores e por aí se complica também a situação do emprego.

As dívidas

Eu diria que como balanço geral a situação social continua se agravando, os investimentos públicos nas áreas prioritárias não foram feitos, e a política econômica foi assentada em duas coisas: pagar a dívida pública interna e pagar a dívida externa. Na verdade os rentistas, os banqueiros, os credores internacionais e nacionais deveriam fazer uma avaliação muito positiva do governo Lula, porque realmente para os mercados, para os credores, para os bancos, para os especuladores o governo Lula foi excelente.

***IHU On-Line* - Considera o presidente Lula populista, em função de suas políticas sociais?**

Anselmo Luis dos Santos- Não acho que esse termo seja relevante para fazer uma discussão. A política do Bolsa Família é importante para o Brasil. O País acumulou um conjunto de problemas que demoram para ser resolvidos. Então, políticas emergenciais são importantes. O combate à fome e a distribuição de renda via programas

para ser garantia de renda para as pessoas que não tem nenhuma renda. O problema é que temos que olhar que o governo se limitou a isso. Essa foi a grande política. Essa política sem crescimento, sem desenvolvimento, sem emprego, mantém as pessoas numa situação de pobreza, pode até melhorar um pouco, é importante, mas as pessoas não tem perspectiva, não tem futuro. Essa é uma política focalizada, que inclusive a questão de transferir renda para pobre é defendida pelo Banco Mundial, mas se compararmos o que o governo gastou de juros com essa política, e mesmo o que gasta a previdência, é muito, muito maior do que o governo gasta com o Bolsa Família. Dizemos que essa é uma política barata e ela não compromete o pagamento de juros. Por isso que até o Banco Mundial propõe esse tipo de política de transferência de renda aos pobres. Há 15 anos a economia não vai, não tem perspectiva, não tem emprego. A associação entre a violência e os jovens desempregados, sem perspectiva, a ampliação da violência é um fato. E isso não se modificou sensivelmente. Certamente um crescimento em 4 anos, se o governo não tivesse feito outra política econômica, o País tivesse crescido de 5 a 6% ao ano, os impactos sociais desse crescimento seriam muito mais importantes que qualquer programa de Bolsa Família. Embora se pudesse fazer junto, o crescimento, porque teria mais arrecadação, cresce a economia, e fazer uma política emergencial para as pessoas que não fossem beneficiadas pelo crescimento, porque sempre tem algumas pessoas que, dependendo das características familiares, da região onde elas estão localizadas, às vezes o crescimento acaba não beneficiando como em

outras regiões, pessoas que estão em dificuldade para se inserir no trabalho.

IHU On-Line- Considerando duas correntes de pensamento em relação à economia do País, qual sua opinião: acredita que o Brasil tenha um modelo de desenvolvimento capitalista ou pensa que ele não tem um modelo de desenvolvimento, que ele está estagnado desde a década de 1980?

Anselmo Luis dos Santos- Lógico que faço parte da segunda corrente. O problema não é que a primeira corrente se diz capitalista e nem que a segunda diz que para se desenvolver tem que ser não-capitalista. Existem várias formas. O problema é que primeira visão é neoclássica, liberal e a outra não, a outra é uma visão que se mostra mais estruturalista, desenvolvimentista, keynesiana, que mostra a importância do instrumento público de controle e regulação, para podermos alcançar o desenvolvimento. A outra acredita que esse crescimento se dá via mercado e temos que atender a lógica do mercado para poder se desenvolver. O fato é que desde 1980 nós estamos parados. Mas essa política, por exemplo, nos anos 1980 crescemos mais do que de 1990 para cá. Essa política hegemônica vem sendo implementada desde quando Collor assumiu, principalmente o governo Fernando Henrique, e aí olhamos as taxas de crescimento que mostram que eles estão completamente equivocados. Que a taxa de crescimento média é muito baixa. Não tem desenvolvimento, não tem crescimento, o País nunca enfrentou tanto desemprego na sua história urbana e industrial. O investimento público está parado, os outros países cresceram e nós estamos ficando para trás. Os países

que crescem, como a Argentina, fizeram da sua renegociação da dívida, um conjunto de políticas que não são liberais, iguais a essa que está sendo implementada no Brasil. A China também não faz isso, a Coréia também não faz isso, ou seja, não seguem o receituário do Consenso de Washington e estão portanto na segunda perspectiva e não na primeira.

IHU On-Line- O que o senhor pensa sobre a Campanha pelo Voto Nulo? Acredita há um esgotamento da política?

Anselmo Luis dos Santos- Realmente isso tem tido impacto, porque as pessoas têm motivos para ficarem decepcionadas. Só que eu discordo, acho que a estrutura social brasileira é muito heterogênea, social, cultural, cada um tem o direito de fazer com seu voto o que quiser, mas eu pessoalmente divirjo dessa opinião porque acho que a decepção deve levar a uma reflexão mais profunda. A alternativa para mim é escolher alguém e votar. Precisamos continuar, melhorar as condições políticas do País, melhorar o estado brasileiro, melhorar o poder legislativo, as instituições, a justiça. E isso não passa pelo voto nulo.

IHU On-Line- Quais as consequências de uma política conduzida pelo mercado financeiro?

Anselmo Luis dos Santos- A política econômica tem uma verdade, como dizem alguns economistas, tem a prioridade de ser amiga do mercado. Ou seja, fazer uma política que não descontente os investidores nacionais e estrangeiros. Mas ninguém está dizendo que para fazer uma outra política é necessário fazer uma política contra, quando se trata de fazer uma política de

desenvolvimento capitalista, de certa forma, temos que fazer uma política que seja favorável ao crescimento. Isso não significa reduzir lucro. Significa reduzir especulação, reduzir o ganho fácil, o rentismo. Essa política “amiga do mercado”, essa política liberal não consegue combater os interesses daqueles que não tem compromisso nenhum com a produção, com o emprego, com a melhoria da sociedade, com o combate à pobreza. Ela acaba favorecendo aqueles que vivem de juros, que vivem de renda, que vivem da especulação, do ganho fácil. Em uma crise social que estamos vivendo, nós vemos os balanços dos bancos todos crescendo. O governo pagou o juro e a dívida pública hoje é 1 trilhão de dólares. Essa é a consequência.

IHU On-Line- Qual a perspectiva que o senhor vê de uma possível desconcentração de renda no País? Onde poderia estar a solução para este problema?

Anselmo Luis dos Santos- Com esse tipo de crescimento a renda concentra. Com esse tipo de pagamento de juros, com a ausência de uma política melhor, mais firme e mais ampla de reforma agrária, com essa transferência de renda do orçamento para pagamento de juros, a tendência da renda é de ela se concentrar. A discussão que alguns colocam hoje que teve desconcentração de renda é que estão pegando o ano de 2004 que foi o ano que o PIB cresceu 5%. Mas se pegarmos o ano passado e esse ano em que os dados ainda não estão prontos, como da PNAD, de uma pesquisa ampla sobre o Brasil, não estão disponíveis ainda, daí eu quero ver se isso levou a algum lugar. Essa política, assim como nos vivemos desde os anos 1990, leva a uma concentração

de renda. A política amplia a renda dos rentistas, dos ricos que aplicam nos bancos. Não é só dos banqueiros, mas dos empresários que tem dinheiro para aplicar, da classe média alta, que tem poupança, que aplica. É uma política que leva claramente, principalmente pelo fato de não ter crescimento, ao benefício dos grupos melhor inseridos.

IHU On-Line- Quais os caminhos para o desenvolvimento sustentável no Brasil?

Anselmo Luis dos Santos- É preciso organizar a economia e a política econômica a favor do combate à pobreza, do crescimento econômico. Certamente passa por uma redução de juros, que faça diminuir a dívida pública, e reduzir o superávit primário, investir mais na área de infra-estrutura, investimentos públicos em estradas, portos, aeroportos, em saúde, educação, habitação, saneamento e com um juro menor, com um superávit menor temos condições de fazer isso, o que significa um ritmo de crescimento econômico maior, a arrecadação pública cresce e vai sustentando o gasto público, ou seja, cria condições ampliando o investimento e o gasto público a economia está crescendo. E por outro lado, o crescimento melhora muito, as

pessoas tem emprego, a renda melhora, a pobreza diminui. Por exemplo, nos anos 1970, mesmo com a ditadura militar, o crescimento econômico elevado reduziu rapidamente a pobreza. Porém, se hoje tivéssemos um crescimento no ritmo mais acelerado de 6 a 7% ao ano, com políticas distributivas, o impacto seria outro. Só que temos que ter uma política que atenda ao setor produtivo, ao emprego, ao crescimento, que pense no futuro, que planeje o investimento, o financiamento interno, ou seja, em vez de dívida externa, o financiamento interno, o desenvolvimento tecnológico, que o País possa entrar em setores dinâmicos, modernos da eletrônica, informática, telecomunicações, engenharia genética, microbiologia, que estamos parados nisso, não avançamos. É preciso ter outra política econômica e instrumentos que sustentem esse crescimento a longo prazo. Significa ter uma política que não endivida externamente o País, porque isso coloca bloqueio depois para poder crescer, principalmente nesse mundo de especulação geral, dessa volatilidade, desse mundo de fluxos de capitais abertos, isso coloca problema.